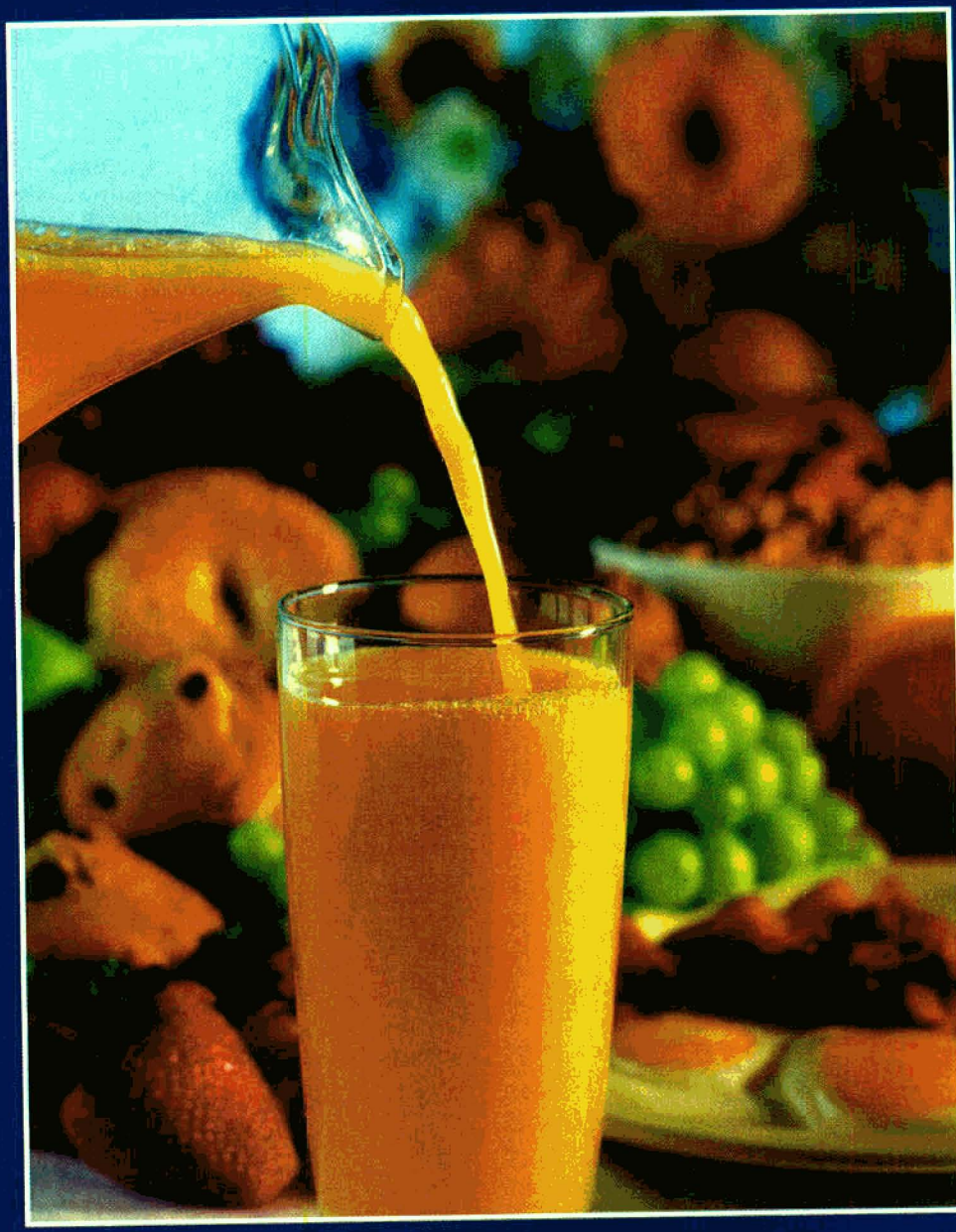


Água no suco

Baixas cotações aqui e no exterior provocam queda na produção e encarecem a matéria-prima

LUIZ ANTONIO PINAZZA E
REGIS ALIMANDRO

As exportações brasileiras de suco de laranja concentrado e congelado estiveram perto de 1,24 milhão de toneladas em 2000, cerca de 6% acima do ano anterior – 1,168 milhão de toneladas.

Ainda assim a receita frustrou os exportadores, pelas baixas cotações praticadas no comércio internacional. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), o preço médio anual recuou de US$1.057,4 para US$832,5, ao redor de 21,3%. No total, o valor do embarque caiu de US$1.235 mil para US$1.019 – cerca de 17%.

Menos citricultores

Diante da baixa rentabilidade e com problemas climáticos nos últimos anos, o citricultor reduziu os tratos culturais e em muitos casos até abandonou a atividade.

Com o fim do contrato padrão em 1995, os produtores passaram a suportar os custos de colheita e transporte, em torno de R$41,10 a caixa. Em função do ressurgimento do cancro cítrico e do ponto preto, além da clorose variegada do citros (CVC), muito conhecida como amarelinho, as despesas para controle de pragas e doenças tiveram aumento substancial.

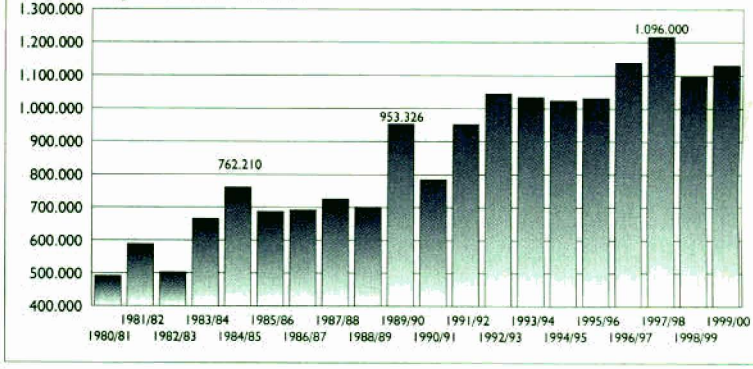
De acordo com a Associação Brasileira dos Exportadores de Citrus (Abecitrus), dos 27 mil produtores existentes em 1995, sobraram 17 mil em 2000. A baixa foi de 41,3%. Na safra 1999/2000, a área plantada com laranja no estado de São Paulo deve ter sido reduzida em quase 8% em relação aos 700 mil hectares da temporada anterior.

Produtores *versus* indústria

As relações entre produtores e agroindústria andaram bem ruins no segundo semestre de 2000. Ante as fracas cotações do suco no mercado internacional e para não pressionar ainda mais a oferta externa, as indústrias tiveram de baixar suas metas de moagem.

São Paulo: exportação de suco de laranja

Congelado e concentrado, em t.



Passou-se a utilizar matéria-prima própria e depois a contratada. Muitos contratos foram revistos a contragosto dos citricultores, pois os preços de fornecimento foram rebaixados.

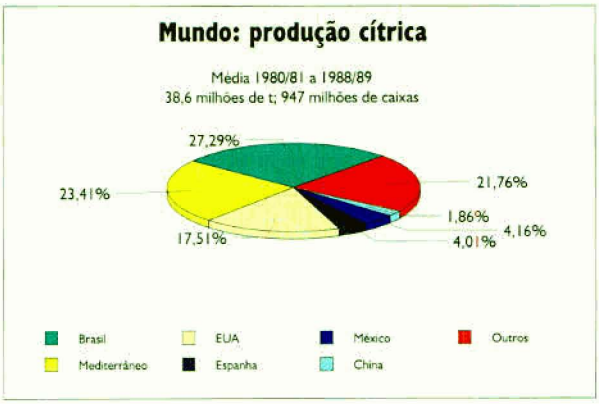
Uma das saídas encontradas pelos agricultores foi a formação de associações, para negociar com mais força com o concentrado grupo de indústrias – Cutrale, Citrosuco, Coinbra-Frutesp, Cargill e Citrovita.

De acordo com a Abecitrus, dos 27 mil produtores de 1995 sobraram 17 mil em 2000. A baixa foi de 41,3%. Na safra 1999/2000, a área plantada com laranja no estado de São Paulo perdeu quase 8% em relação aos 700 mil hectares da temporada anterior.

Entre as organizações mais antigas está o Grupo de Citricultores de Bebedouro, fundado em 1978, mas com raízes no movimento da crise econômica vivida pelo setor em meados dos anos 70. Desde 1978 a associação mudou de nome e passou a se chamar Grupo de Citricultores Arnaldo Marques Caldeira Filho.

Cai a produção, matéria-prima encarece

Para a safra 2000/01, as projeções iniciais do Instituto de Economia Agrícola, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, apontavam para uma produção da ordem de 347,7 milhões de caixas, contra 355,9 milhões na temporada anterior. A cultura ganha espaço na região de Avaré e Botucatu, fica estável em Araraquara, consolida sua posição em Barretos e se reduz em áreas tradicionais de Limeira e Catanduva.





A reação da Flórida

A Associação de Frutas e Vegetais do Estado da Flórida é contrária a acordos de livre comércio que não incluam salvaguardas que permitam a seus agricultores concorrerem nos mercados de 250 produtos e *commodities* onde atuam. Alegam-se perdas muito duras na celebração da Nafta. O número de produtores de tomate, por exemplo, perto de duas centenas em 1992, encolheu para menos da metade depois de oito anos.

De um modo geral, a Flórida está cercada de boas razões para sustentar a criação da área de Livre Comércio das Américas (Alca), pois 80% de sua exportação vai para países da América Latina e Caribe.

Quem ganha com isso são alguns setores da indústria e de serviços. Os agricultores ficam do lado da comunidade empresarial perdedora e exigem a adoção do Sistema Harmonizado da Organização Mundial do Comércio e a implementação dos procedimentos padronizados na Convenção Ambiental de Kioto.

No caso da citricultura, a resistência é mais crítica e forte. De um lado o Brasil produz mais de 50% da oferta mundial de suco de laranja; de outro, a Flórida é responsável por 40%. Menos de 10% ficam fora do controle desses dois países, que travam entre si uma disputa acirrada há mais de três décadas. Os norte-americanos não aceitam a inclusão do suco de laranja concentrado na pauta da Alca e são a favor da manutenção da taxa de US$418 por tonelada importada pelo país, conforme autorização da OMC.

Se no Brasil o custo do galão de suco de laranja concentrado é de US$0,30, na Flórida multiplica-se por 21 vezes esse valor. Essa enorme diferença é justificada basicamente pela diferença paga na remuneração da mão-de-obra. Enquanto a operação da colheita para cada galão não passa de US$0,09 na citricultura nacional, seu custo na Flórida é bem mais caro: chega a US$0,30.

A divergência comercial da indústria cítrica nacional com relação à revisão das tarifas e sua redução gradual ganha aos poucos a simpatia do cidadão norte-americano, que poderia ter à sua disposição um produto mais barato.

Responsável por 80% da produção dos Estados Unidos, a agroindústria sucrocitrícola da Flórida assiste também à entrada de empresários brasileiros no setor, com a aquisição de fábricas de processamento pela Cutrale e Citrosuco. A estratégia dessas corporações visa atuar próximo ao principal mercado consumidor e desfrutar de maiores margens de comercialização do suco fresco e não-concentrado.

São Paulo: produção, processamento e consumo de laranja

Em milhões de caixas de 40,8kg

Ano/safra	Produção	Processamento	Mercado interno
1979/80	155,0	124,0	31,0
1980/81	170	138	32
1981/82	180	155	25
1982/83	195	161	34
1983/84	200	165	35
1984/85	205	185	20
1985/86	218	195	23
1986/87	190	150	40
1987/88	234	186	48
1988/89	221	180	41
1989/90	296	252	44
1990/91	262,7	210	50,8
1991/92	285,5	225	57,8
1992/93	300	265	33
1993/94	307	240	65
1994/95	311	242,7	65
1995/96	357,3	259,1	95
1996/97	363	268,1	93
1997/98	428	318	110
1998/99	330	279	51
1999/00	388	280	108

Fonte: IEA/Abecitrus.

São Paulo: exportações de suco de laranja concentrado por região de destino

Porto Santos (em mil toneladas)

Ano/safra	União Européia	EUA	Ásia	Outros	Total
1990/91	402	303	68	12	786
1991/92	500	341	90	21	952
1992/93	608	325	84	29	1.045
1993/94	544	364	102	25	1.034
1994/95	631	216	146	31	1.024
1995/96	709	190	98	33	1.031
1996/97	789	193	125	30	1.138
1997/98	867	204	108	38	1.217
1998/99	756	210	93	37	1.096

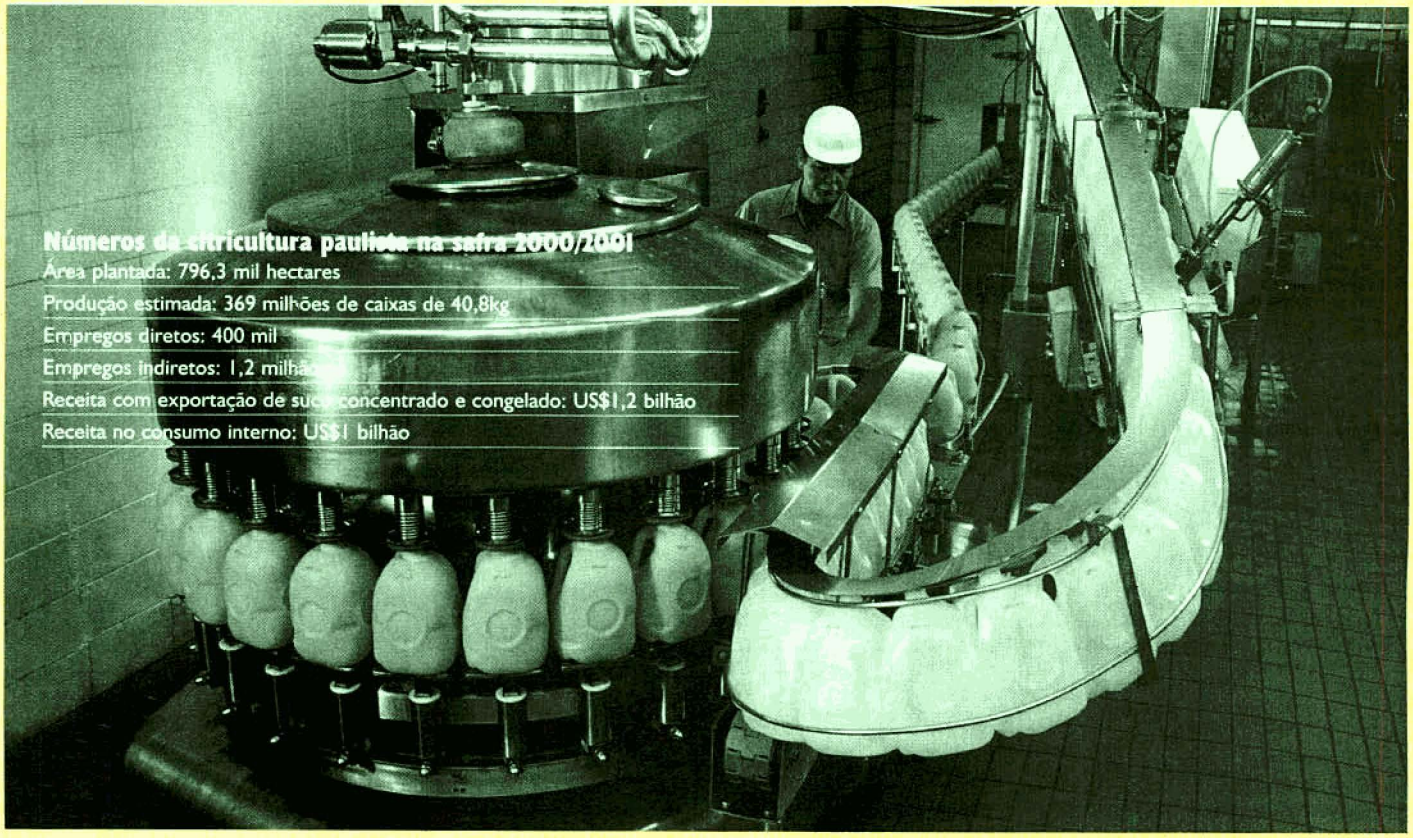
Fonte: Abecitrus.

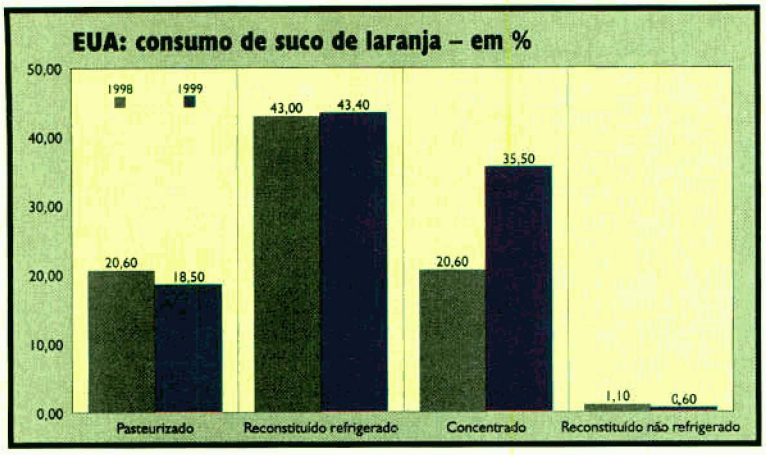
São Paulo: exportações de laranja in natura

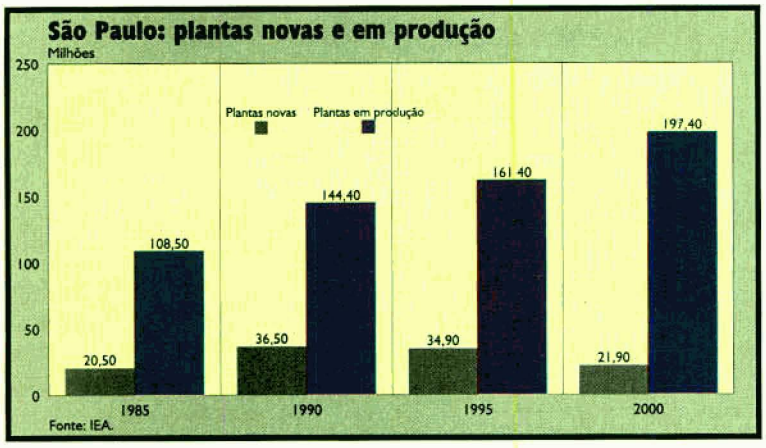
Em milhões de caixas de 40,8kg

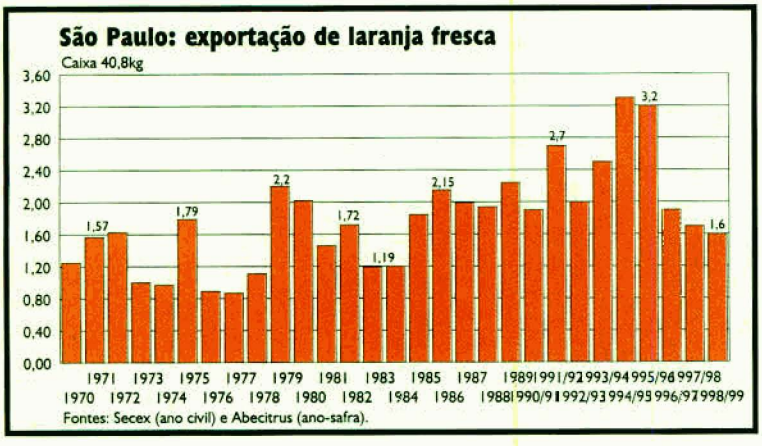
Ano/safra	Exportação
1990/91	1,9
1991/92	2,7
1992/93	2,0
1993/94	2,5
1994/95	3,3
1995/96	3,2
1996/97	1,9
1997/98	1,7
1998/99	1,6

Fonte: Abecitrus/Secex.









Na estimativa de abril do IEA, a colheita teve uma revisão para baixo e ficou em 342,6 milhões de caixas, e as expectativas de mercado são de que a quantidade produzida será bem mais baixa. Estiagem e alta temperatura deverão gerar graves quebras e a produção deve se limitar a 300 milhões de caixas.

Os estoques de passagem previstos para junho por sua vez são de 230 mil toneladas, contra 330 mil no ano passado. Em 1998 e 1999, os volumes foram, respectivamente, 237 mil e 346 mil. A média histórica é de 100 mil toneladas.

As relações entre produtores e agroindústria andaram bem ruins no segundo semestre de 2000. Ante as fracas cotações do suco no mercado internacional e para não pressionar ainda mais a oferta externa, as indústrias tiveram de baixar suas metas de moagem.

Diante dessas informações, as indústrias têm acelerado sua corrida para comprar matéria-prima, que teve substancial elevação de preço desde janeiro de 2000: a caixa de 40,8kg subiu de R$1,47 para R$5,12.

Os citricultores sem contratos antecipados com a indústria vêm conseguindo realizar bons negócios. A queda na oferta, típica do período de entressafra, tem gerado acirrada disputa entre as laranjas esmagadas pelas indústrias e as consumidas no mercado doméstico, conhecidas como frutas de mesa. A abertura oficial da safra ocorre em 5 de julho.

Preços também caem nos EUA

No *front* externo, a conjuntura experimenta período bem crítico.

O relatório de abril do Departamento de Agricultura dos EUA (Usda) elevou em 0,4% a estimativa para a safra de laranjas da Flórida, o maior estado produtor do país. Os novos números indicam uma colheita de 224 milhões de caixas – a quarta maior quantidade da história e 2,5% superior à média das safras dos últimos cinco anos. A projeção de março apontava um volume de 223 milhões de caixas. Cerca de 95% dessa produção é transformada em suco entre outubro e junho.

As estimativas do Usda não surpreenderam. A produção da Flórida em 1998 foi de 244 milhões de caixas, mas caiu para 223 milhões no ano seguinte. Tanto em 1999 como em 2000, a estiagem afetou o tamanho da safra. Para a Califórnia, onde predomina o comércio da fruta *in natura*, as projeções são de uma safra de 59 milhões de caixas, contra 64 milhões na temporada anterior.

O mercado mundial está bem suprido de suco de laranja e as cotações não reagem. Os citricultores da Flórida reclamam a queda na receita.

Os preços mais baixos recebidos pelos agricultores foram registrados em 1976/77, quando chegaram em média a US$2,17 por caixa de 40,8kg. O preço pago na safra corrente – US$2,55 – é inferior, pois não cobre a inflação no período.

Email: regis@fgv.br e pinazza@agroceres.com.br